

**A REVITALIZAÇÃO DO PARQUE DA LAGOA SÓLON DE LUCENA  
EM JOÃO PESSOA (PB): as dinâmicas espaciais na visão de seus  
frequentadores**

*THE REVITALIZATION OF SÓLON DE LUCENA LAGOON PARK IN JOÃO  
PESSOA (PB): the spatial dynamics in the perception of its visitors*

**Ranieryson Viana de Freitas\***  
**Paulo Henrique Ferreira Lacerda\*\***  
**Ana Valéria Endres\*\*\***

**Resumo:** A revitalização de espaços públicos propõe novos usos àqueles antes pouco valorizados, mas as repercussões disso demandam estudos para entender a efetividade ou não da intenção dessas ações. Diante desta perspectiva, este trabalho tem como objetivo analisar as mudanças espaciais propiciadas pela revitalização do Parque da Lagoa Sólón de Lucena, concluída em 2016, a partir da percepção de seus frequentadores (moradores e turistas). Este é um estudo quali-quantitativo, com pesquisas bibliográfica, documental e de campo. Foram realizadas leituras, observação direta e o uso de questionário disponibilizado nas redes sociais entre janeiro e junho de 2019. Os resultados apontam que a revitalização da Lagoa vem incentivando a sociabilidade, a ressignificação de memórias e sentimentos e a oportunidade de valorizar a atividade turística na capital paraibana.

**Palavras-chave:** Parque Sólón de Lucena; João Pessoa; espaço público; revitalização urbana; turismo.

**Abstract:** The revitalization of public spaces proposes new uses to those that were underrated, but the repercussions of this require studies to understand effectiveness or not of the intent of these actions. From this perspective, this work aims to analyze the spatial changes brought by the revitalization of the Sólón de Lucena Lagoon Park, completed in 2016, from the perception of its frequenters (residents and tourists). This is a quali-quantitative study, with bibliographic, documentary and field research. Readings, direct observation and the use of questionnaires available on the internet between January and June 2019 were performed. The results indicate that the revitalization of the Lagoon has been encouraging sociability, the resignification of memories and feelings and the opportunity to value the tourist activity in the capital of Paraíba.

**Keywords:** Sólón de Lucena Lagoon Park; João Pessoa; public space; urban revitalization; tourism.

## **1 Introdução**

O Parque Sólón de Lucena, em João Pessoa, ou apenas “a Lagoa”, como é chamado, é um lugar de encontros e desencontros entre os moradores, trabalhadores, visitantes e turistas, em um constante movimento que dá vida ao centro da cidade. A Lagoa com aproximadamente noventa anos de existência é um importante símbolo urbano da capital paraibana. De um charco no início do século XX, passa a Parque em 1925, e desde então

\* Bacharel em Turismo pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: ranyvianatdl@yahoo.com.br.

\*\* Bacharel em Turismo pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: paulolacerdatur@gmail.com.

\*\*\* Graduada em Turismo pela Universidade Federal do Pará. Mestre em Planejamento do Desenvolvimento pelo NAEA/UFPa e Doutora em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Professora adjunta do Curso de Turismo da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: ave@academico.ufpb.br.

todas as festividades e comemorações realizadas na cidade nos cinquenta anos seguintes aconteceram em seu entorno. Em 1975, após um desastre em uma balsa que vitimou trinta e cinco pessoas, a Lagoa foi deixada de lado pelas autoridades e pela comunidade como um espaço de lazer e fruição. Este trágico incidente, juntamente com o início do processo de urbanização em direção à praia, precipitou o afastamento da população em relação ao parque, sendo este usado apenas como rota de passagem para o comércio e alvo de pequenos reparos para sua manutenção (PAULINO, 2010).

Ao Longo de sua existência, a Lagoa apresenta um histórico de altos e baixos na cronologia da cidade, ora apropriada pelas funções do trabalho, ora apropriada pelas funções do lazer. Em 2016, após uma grande reforma de revitalização, a Lagoa deixou de ser um local apenas de passagem para ser um local de paragem para quem quiser usufruir de suas doze praças bem cuidadas e sinalizadas, com banheiros, quiosques para alimentação e área para piqueniques.

No espaço, estão disponibilizados para seus frequentadores diversos equipamentos de esporte e lazer (pista de *cooper*, ciclovias, pista de *skate*, bicicletário, aparelhos de ginástica, mesas e bancos para jogos de xadrez e dama, *playground*, caixa de areia para crianças), além do píer que se estende sobre a lagoa, do qual pode-se apreciar a paisagem. Há também o píer em frente ao restaurante Cassino da Lagoa, testemunho de uma época áurea e que hoje é cedido, gratuitamente, pela prefeitura para a realização de festas e comemorações. Mesmo ao observador desavisado quanto ao descaso sofrido pela Lagoa nas últimas décadas, fica evidente que as intervenções no local viabilizaram a sua revalorização.

A nova dinâmica espacial na cidade de João Pessoa pode ser um fator influenciador na ressignificação do lugar, na sociabilidade dos moradores e servir, ainda, como um estímulo ao turismo urbano no centro da cidade. Portanto, para auxiliar no entendimento da percepção dos frequentadores do parque em relação à sociabilização e ressignificação dos usos observados na Lagoa, esta pesquisa tem por objetivo analisar as mudanças espaciais propiciadas pela revitalização do Parque da Lagoa Sólon de Lucena, concluída em 2016, a partir da percepção de seus frequentadores.

## **2 Referencial teórico**

### 2.1 Cidades e as transformações urbanas e sociais

As cidades mantêm uma dinâmica que se constrói e reconstrói a cada momento, pulsa, seduz, agride e acaba por transformar e ser transformada por aqueles que nela interagem. Krippendorf (2001) atesta que as cidades devem ser verdadeiros espaços da vida e entendê-las é necessário, principalmente, em um contexto de intervenções, nem sempre sustentadas pelo entendimento das relações e das memórias que nelas coexistem.

Cada cidade é passível de ser desvendada, ser lida ou conhecida espontaneamente, mas é preciso instigar moradores, turistas e planejadores a observar e a ler as cidades (SANTOS, 1999). É necessário ir além do conceito estático de cidade e enxergá-la como o berço da condição humana, base das ações e interações sociais que dão vida e pulso aos lugares. São essas relações construídas nos espaços das cidades, ora imperceptíveis, que permitem a valorização e compreensão verdadeira do lugar (CARLOS, 2001).

As paisagens assim construídas são valorizadas ou revalorizadas dependendo das relações estabelecidas entre diversos atores sociais. O turismo interfere nestas dinâmicas quando constrói a imagem turística destes lugares, (re)valorizando suas paisagens pela lógica de mercado e construindo imagens turísticas de cidades para serem comercializadas (GÂNDARA, 2008). Fruto da urbanização turística baseada na produção e consumo de lugares, a imagem turística é capaz de atrair um grande fluxo de pessoas que interfere no usufruto dos locais que foram revitalizados (BOULLÓN, 2002; CASTROGIOVANNI, 2000; SILVA, 1997).

É no processo de sociabilização, permitido pelo fluxo de moradores e visitantes, que se dá vida às cidades e a tudo o que nela está contido. Para Lemos (2011) a sociabilidade advém das interações entre os indivíduos. Essas, baseadas em interesses, impulsos e finalidades, possibilitando relações de convívio, onde os indivíduos influenciam e são influenciados. As relações sociais favorecem as trocas simbólicas e reais, normas, valores e crenças entre os indivíduos e o meio natural ou construído onde estão. A sociabilidade é construída dessas interações e noções de coletividade, onde ocorrem afetividade, hábitos, compartilhamento de ideias e certo grau de informalidade. Para o autor acima, a sociabilidade é cunhada no contraditório entre comunidade e sociedade, e a mesma pode favorecer a criação de laços com a cidade ou espaços da mesma, ocorrendo a mudança de usuário para habitante.

Contudo, as cidades continuam sendo de poucos pela ausência de espaços bem planejados, dando origem a cidades desarticuladas (PIPPI *et al.*, 20). Ano OK. Os espaços



criados nas cidades devem ser pensados para morar, trabalhar, descontraír e deslocar de maneira integrada, respeitando a mescla destas funções, fugindo da tradicional homogeneização do urbano (KANASHIRO, 2004).

Para Castrogiovanni (2000), há uma gama de interesses contidos nestes espaços, tornando o seu planejamento complexo, baseado nos interesses de grupos que nem sempre representam a maioria da população. Há na construção e reorganização das cidades uma forma desigual de poder econômico, político e social, que modifica a sua dinâmica, e consequentemente, as relações que por ele transitam. As cidades são planejadas pelas necessidades econômicas, que ditam os novos espaços a serem vivenciados e os que devem ser abandonados, o que nem sempre atende às necessidades sociais.

É o caso dos centros das cidades que passam a ser subutilizados, perdendo seus moradores, que buscam novas regiões mais valorizadas, estimulando a marginalização e segregação dos lugares. Assim, as intervenções nos centros das cidades, na visão de Krippendorf (2001), atendem apenas a uma das funções do planejamento urbano – o trabalho. E quando todo trabalho acaba, encerra-se o dia e a dinâmica muda. A desvalorização da cidade expõe uma realidade de afastamento das pessoas com suas memórias e o lugar, tal distanciamento dificulta a sociabilidade e o sentimento de pertencer e de coletividade.

Há um processo que torna antigas áreas portuárias, industriais e comerciais em lugares marginalizados, já que não mais constituem parte importante da vida econômica ou social das cidades (TAYLER *et. al.*, 2001). Resgatar estes vínculos por meio dos processos de revitalização é devolver, em tese, a cidade para as pessoas, propondo novas formas de interação e ressignificação dos lugares. Revitalizar é muito mais que restaurar, é um processo de utilização e dinamização do espaço, um ressignificar de memórias, permitindo a reconstrução de um sentimento de identidade e pertencimento (COSTA, 2015; SCOCUGLIA, 2004). De maneira geral, o (re)desenvolvimento de áreas urbanas, ou revitalização, é um processo de melhoria das áreas públicas que interfere nas dinâmicas social, cultural e econômica, a fim de garantir melhor qualidade de vida para os cidadãos (RAMLEE *et al.*, 2015).

Assim, o turismo torna-se um caminho alternativo para devolver às áreas esquecidas não apenas o prestígio do novo aspecto físico, mas para considerar também os aspectos sociais, econômicos e culturais no processo de revitalização (PIPPI *et al.*, 2003). Os

espaços turísticos estão inseridos na vida das cidades, por vezes contribuindo para a complexa relação entre os que moram e os que visitam o lugar.

Para Arantes (2013), os processos de reestruturação da cidade, como a revitalização entre outros, devem evitar a criação de lugares homogêneos, ou as “cidades artificiais” e “cidades espetáculos”, esses muitas vezes baseados em planejamentos estratégicos equivocados que estimulam o gerenciamento de cidades como empresas, evidenciando a visão econômica e do mercado em detrimento do social. É necessário pensar as cidades como valor de uso, sentidos e identidade, pois dessa forma é possível uma “volta à cidade”.

A valorização dos centros históricos deve passar pela participação dos diversos atores urbanos existentes na cidade, principalmente as comunidades locais neles inseridas, conforme defende Leandro (2006). Dessa forma, propostas e planos com elaboração e participação local de fato possibilitam a ressignificação espacial, evitando a chamada gentrificação, que se caracteriza pela higienização social do lugar, por vezes, um processo de elitização, estimulado por estratégias do setor privado e políticas urbanas do setor público (ARANTES; VAINER; MARICATO, 2013).

As escolhas sobre o uso e formas do espaço urbano devem ser estimuladas pela comunidade local. Para Goodye (2002), inserir as comunidades locais nas decisões de planejamento de patrimônios como atrativos favorece a criação de laços com os bens e com a cidade, em tese, possibilitando a criação de valor e o senso de coletividade. A reurbanização das cidades deve priorizar o seu uso coletivo, pois quando não, dificulta a apropriação ou permanência pelas pessoas, servindo apenas para o trânsito dessas. Desse modo, demonstra certa seletividade, e não oferta a cidade para todos como um direito.

Como defende Krippendorf (2000), a reconquista do verdadeiro espaço vital das cidades é o acolhimento que estas oferecem ao indivíduo para se expandir, encontrar-se com outros seres humanos, colocar em prática suas ideias e conferir ao meio ambiente sua marca pessoal. É através dessa compreensão que há a valorização e a reativação de memórias, e de forma coletiva se constrói novos olhares e intervenções que contribuem para o conceito de cidade como espaço de vida.

## 2.2 Da Lagoa dos Irerês ao novo Parque da Lagoa Sólon de Lucena

Oficialmente chamado de Parque Sólon de Lucena, mas eternizado pelos pessoenses como “Lagoa”, seu nome tem origem na Lagoa dos Irerês, como era identificada no século XIX. Uma área úmida com vegetação similar a um pântano, desde essa época o local já possuía uma imagem negativa, pois a população o enxergava como um espaço para prática de crimes e propagação de doenças, um lugar que era marginalizado pela sociedade da época (Imagem 1) (PAULINO, 2010).

Imagem 1– Lagoa dos Irerês em João Pessoa na década de 1920.



Fonte: Acervo Petrônio Souto, [192-?]

É a partir de um projeto do engenheiro Saturnino de Brito em 1913, o qual incentivava o saneamento e reformas de praças da cidade, a Lagoa dos Irerês passou a receber intervenções urbanas ao longo de governos estaduais e municipais. Entre obras pontuais durante o governo do prefeito Walfredo Guedes Pereira (1920-1925), é no governo de João Maurício de Medeiros (1926-1928) que elementos da paisagem natural e construída são inseridos, como: o anel interno e externo, e as palmeiras imperiais que circundam a Lagoa, essas vindas do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

O Decreto de Lei nº 110 de 27 de setembro de 1924 transformou o espaço público em Parque, e este recebeu o nome do governador da época, sendo denominado Parque Sólon de Lucena. Visto como área focal e ponto de congruência importante para a expansão urbana da cidade em direção ao leste, as intervenções no Parque fizeram parte de projetos de extensão e reordenação da cidade. Durante a década de 1930 e 1940, elementos como a fonte luminosa e o Cassino da Lagoa são inaugurados, tendo o renomado paisagista Roberto Burle



Marx como o responsável pelo paisagismo, o qual contribuiu para modificações estruturais e uma mudança no pensamento e do fluxo da Lagoa (KOURY, 2005).

De acordo com Paulino (2010) e Leandro (2006), a sociedade da época passa a frequentar o espaço público como ponto de encontro e considerá-lo com potencial residencial. Além do lazer e descanso, a função comercial surge atrelada à imagem do parque. Segundo os autores, o aumento de fluxo na região contribuiu aos poucos para a mudança das características e usos do parque. De forma lenta, a cidade estava se expandindo em direção à praia e a Lagoa representava a imagem de uma cidade moderna, que aos poucos foi abandonando a cidade baixa e histórica.

Durante a década de 1970, o trânsito e o comércio no entorno do parque deram ao mesmo tempo novas funções e ares de um centro urbano. Obras de calçamento e alargamento das ruas e um plano de transportes foram necessários para atender ao aumento do fluxo. Praças como a Vidal de Negreiros (Ponto dos Cem Réis) vão perdendo a atribuição de ponto de encontro e área central no espaço urbano da capital. Com a construção de avenidas, edifícios e novos bairros, o Centro Histórico tem um esvaziamento e declínio do status social.

Nessa mesma década, uma tragédia fez retornar a imagem negativa que o local possuía outrora. Em uma comemoração ao Dia do Soldado, uma balsa afundou na Lagoa, causando a morte de trinta e cinco pessoas, sendo vinte e nove crianças e seis adultos. Começou a ocorrer, a partir daquele momento, um processo de afastamento da população em relação ao parque, que passou a ser usado apenas como passagem para o comércio e foi esquecido pelo poder público (LEANDRO, 2006).

Em 26 de Agosto de 1980, o Decreto de Lei nº 8683 do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP) tomba o Parque Sólon de Lucena como paisagem natural, inserido na delimitação de Centro Histórico de João Pessoa. Durante a década de 1980 e 1990, intervenções e ordenamento na região são realizados, os quais vão modificando a função e o uso do centro da cidade (KOURY, 2005).

A reurbanização ocorrida no governo de Francisco Franca (1993-1996) trouxe novos usos. O centro da cidade passa a crescer em volta da Lagoa, há um aumento de ambulantes no comércio informal pelos arredores e ruas vizinhas. Dentro do parque, quiosques e ilhas de alimentação, juntamente com a construção de um estacionamento, atraem um novo público para a área. O trânsito tornou-se intenso, recebendo o parque uma maior

quantidade de linhas de ônibus e terminais. O centro tornou-se cada vez mais uma zona comercial e a Lagoa sobreviveu por esse comércio em seu entorno.

Entre as décadas de 1990 e primeira década dos anos 2000, o Parque Sólon de Lucena continua esquecido pela população e pelo poder público, o segundo apenas realizando pequenos reparos estruturais, como obras de drenagem, dragagem de esgotos e nivelção das calçadas. Para Paulino (2010), o local passa a representar quatro realidades na dimensão espacial da cidade, o trabalho (comércio), o lazer, a moradia e a exclusão, que ora geram conflitos, configurando o que o autor define como o cotidiano da Lagoa.

Algumas festas como a de São João tentaram reocupar o espaço, mas a poluição sonora do comércio e do trânsito, o consumo de bebidas e drogas, a falta de reparos e de iluminação à noite, e a utilização do parque como abrigo e moradia de pessoas em situação de rua, construíram uma imagem de uma Lagoa marginalizada e dividida.

Intervenções ao patrimônio histórico da cidade na região central buscaram reverter e adequar a um olhar turístico a terceira cidade mais antiga do país. Áreas como a cidade baixa e monumentos construíram “ilhas revitalizadas” e desarticuladas, fruto do convênio entre Brasil/Espanha para projetos de revitalização do Centro Histórico da capital. Nesse movimento, a Lagoa tornou-se parte importante no planejamento urbano da cidade no ano de 2013, com o anúncio do projeto para a sua revitalização (Imagem 2) (LEANDRO, 2006; SCOCUGLIA, 2004).

Imagem 2 - Projeto de Revitalização do Parque Sólon de Lucena entre 2013 e 2016.



Fonte: Prefeitura Municipal de João Pessoa (2016)



Reinaugurado em 12 de junho de 2016, durante o governo de Luciano Cartaxo (2012-2020), a “nova Lagoa” ou atualmente intitulada de “Parque Lagoa Sólon de Lucena” pela Prefeitura Municipal, passou por intervenções que transformaram não somente tal espaço público, como toda região central. As primeiras intervenções foram na acessibilidade da Lagoa, ao unir o anel interno e externo, retirando o trânsito de dentro do parque. Esse é um aspecto importante já que a acessibilidade, entendida como a facilidade de ir e vir pela cidade dos indivíduos e/ou grupos sociais, permite a estes usufruir dos serviços e equipamentos públicos ofertados, possibilitando direito à cidade e a oportunidades. Para Grinover (2007), a acessibilidade pode ser tangível e intangível, correspondendo à estrutura da cidade e à oferta de cidadania aos frequentadores. Ambas permitem a vivência do homem na cidade. A revitalização possibilitou a percepção de um único espaço público para seus frequentadores, o que antes não ocorria.

No parque, houve a criação de doze praças sinalizadas, com banheiros, quatorze quiosques que não comercializam bebidas alcoólicas, equipamentos de esporte e lazer (pista de corrida e *skate*, ciclovia, bicicletário, aparelhos de ginástica, mesas para xadrez e dama, *playground*, caixa de areia, área de esportes radicais), e um píer, que contribuem para novos usos do local. A área verde mantém os ipês amarelos e roxos característicos da paisagem da Lagoa, além de outras árvores nativas e exóticas que foram replantadas.

O histórico de tantas intervenções demonstra a relevância da Lagoa como espaço público para os moradores da região e como centralidade para execução de políticas urbanas na cidade, mas foi com a revitalização que a Lagoa se transformou em um espaço novo que vem reforçando um sentimento de pertencimento dos moradores, conforme discute-se nos resultados a seguir.

### **3 Procedimentos metodológicos**

Este estudo é de natureza quali-quantitativa, pois buscou por meio dos dados coletados entender não só a frequência, mas as suas subjetividades (MINAYO, 1993). Para o desenvolvimento da pesquisa, dois momentos foram fundamentais, o da exploração e o da observação (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2008).

O primeiro tem como função fazer um contato inicial com o objeto de estudo para assegurar a qualidade da problematização e ajudar o pesquisador a ter contato com a realidade

vivida pelos atores sociais. Dentre os métodos de exploração sugeridos, a leitura foi o escolhido e realizado a partir de referências que discutem sobre os processos de revitalização urbana e o turismo e como estes se relacionam e afetam a dinâmica das cidades.

O levantamento das referências foi feito por meio de sites de busca por artigos acadêmicos, monografias, dissertações e teses, nos quais foram inseridas as palavras-chave “Parque Sólon de Lucena (Lagoa)”, “João Pessoa”, “espaço público”, “revitalização urbana” e “turismo”. Estas mesmas palavras-chave combinadas também foram utilizadas no portal de buscas dos principais meios de comunicação da Paraíba (Jornal da Paraíba e Correio da Paraíba), onde foram coletadas reportagens sobre as intervenções feitas pela prefeitura na Lagoa entre os anos de 2013 e 2016, período de revitalização. A leitura dessas reportagens da mídia local teve como finalidade entender como o tema estava sendo colocado em pauta na época e seus desdobramentos na cidade. Alguns livros também foram consultados, principalmente os publicados com os primeiros olhares da geografia sobre o fenômeno turístico e suas repercussões espaciais e que ainda são referências no estudo da área, como os de Yázigi (2002), Lemos (1996; 1997) e Rodrigues (1996; 1997).

Buscou-se por dados nos sites da Secretaria de Turismo de João Pessoa (SETUR), na Empresa Paraibana de Turismo (PBTUR) e na Federação do Comércio (FECOMÉRCIO/PB) sobre em que posição a Lagoa está na preferência dos turistas que visitam a cidade. Essa informação geralmente consta nos estudos de demanda turística do município. Contudo, se eles existem, não estão acessíveis na internet para consulta pública.

O segundo momento foi o da observação, que é o conjunto de operações através do qual os conceitos são submetidos aos fatos e confrontados com os dados observáveis (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Aqui foram utilizados a observação direta e a aplicação de questionários. Para apropriar-se mais do objeto foram feitas observações *in loco*, a qual optou-se em observar a Lagoa, principalmente nos finais de semana, para entender como as novas atividades estavam afetando a dinâmica do centro da cidade. A partir dessas observações, as principais categorias começaram a ser confrontadas, uma vez que as lentes de análise do objeto empírico já estavam configuradas pelos pesquisadores a partir da leitura do referencial bibliográfico consultado.

Portanto, as categorias de mobilidade urbana, acessibilidade, segurança e sociabilidade foram observadas. Sendo a mobilidade urbana compreendida como as condições em que se realizam os deslocamentos de pessoas e cargas no espaço urbano (Lei nº

12.587/2012); a acessibilidade entendida como “a possibilidade adequada de espaços configurados para que pessoas com necessidades especiais possam usufruir de lugares e equipamentos urbanos, das edificações, dos transportes adequados” (Lei nº 10.098/2000), usufruídas com as devidas condições de segurança para todos (Lei nº 13.675/2018). A mobilidade urbana, acessibilidade e segurança são elementos tangíveis que dão condições para a sociabilidade, elemento intangível que se realiza pelo simples prazer de levar vida em comum e de viver em companhia de outros, o que amplia a oferta de cidadania aos frequentadores da Lagoa, sejam estes moradores ou turistas.

No processo da pesquisa também foi utilizado um questionário semiestruturado com 27 perguntas, sendo 7 abertas e 20 fechadas. O questionário versava sobre a frequência com que os informantes iam ao Parque, suas motivações, as visões entre o antes e o depois da revitalização, sobre a infraestrutura e os equipamentos de lazer e fruição.

Utilizou-se a amostra por conveniência para investigar a percepção daqueles que conhecem a Lagoa sobre o processo de revitalização desta. Foram 98 participantes que se mostraram disponíveis a responder o questionário, entre trabalhadores, pesquisadores, passantes e turistas. O questionário foi disponibilizado nas principais redes sociais dos pesquisadores envolvidos nesta pesquisa e nas do Curso de Turismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Utilizou-se a plataforma *Google Forms* por meio de um *link*, que ficou *online* entre os meses de janeiro e junho de 2019.

Na análise optou-se por fazer uma leitura reflexiva, a partir de um movimento dialógico entre o aporte teórico e os dados obtidos, de maneira que fosse possível entender o alcance turístico da “Nova Lagoa” a partir da percepção dos seus frequentadores.

## **4 Resultados e discussões**

### **4.1 Percepções sobre a revitalização da “Nova Lagoa”**

Ao olhar para o Parque Sólon de Lucena pela perspectiva das pessoas e de suas experiências com o local, esse artigo apresenta as percepções sobre a revitalização ocorrida entre os anos de 2013 e 2016, e as transformações urbanas e sociais advindas dessa intervenção. Processos urbanísticos estes que ao longo de anos contribuíram tanto para

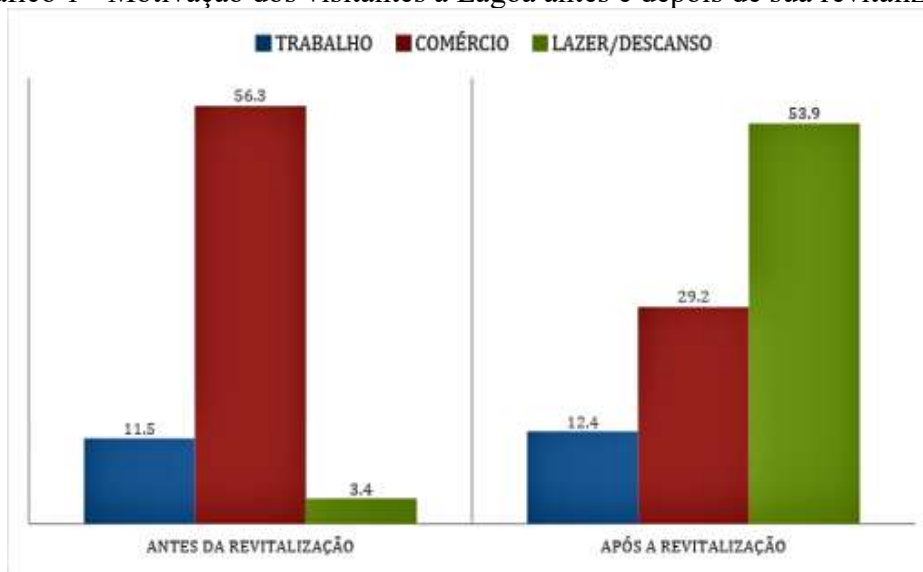


valorização do Parque Sólton de Lucena, como por vezes levaram a um afastamento, estimulando diferentes usos e pertencimento da população.

De acordo com a pesquisa realizada, 96 dos 98 informantes visitaram a antiga Lagoa, e dos 96, cerca de 90% visitaram mais de uma vez a Lagoa antes da sua revitalização. 56,3% destes tinham como objetivo fazer compras no comércio, para 11,5% o motivo foi o trabalho, e apenas 3,4% apontaram como motivação lazer e descanso. É no entorno do Parque e nas ruas próximas que ainda se mantém uma das áreas comerciais de maior fluxo da cidade.

Os 98 informantes visitaram a Lagoa após a revitalização, e desse número, cerca de 53,9% tinham como objetivo principal o lazer e o descanso, fato que aumentou a frequência de visitas ao Parque. De acordo com estes dados, pode-se inferir que houve uma mudança na percepção sobre o uso deste espaço pelas pessoas que ali estiveram, que passaram a compreender a Lagoa como um novo espaço de sociabilização em João Pessoa. No gráfico abaixo, é possível ver de forma ilustrativa os dados discutidos acima.

Gráfico 1 - Motivação dos visitantes à Lagoa antes e depois de sua revitalização



Fonte: Elaboração própria (2022)

Ao observar a Lagoa, é comum ver famílias divertindo-se, casais de namorados contemplando a paisagem e grupos de amigos fazendo piqueniques, festas de aniversários e praticando esportes. É comum ver as pessoas saindo das escolas ou do trabalho e se sentarem nos bancos e gramados situados no anel interno da Lagoa. Eventos passam a ocorrer com mais frequência dentro do Parque, aulas de ioga e de dança, eventos esportivos, exposições,

atrações itinerantes, festivais de cinema, música e teatro que visam a atrair e garantir o novo público.

Todos os entrevistados reforçaram a percepção de que se sentem parte da “nova” Lagoa. Compreensível, já que antes a Lagoa não propiciava essa sociabilização pelo estigma que seus antigos frequentadores (usuários de drogas ilícitas e bebidas alcoólicas) e as intervenções urbanísticas realizadas deram ao local, pouco convidativo para o usufruto amplo do cidadão.

A percepção sobre esta mudança abrange 49,4% dos informantes, que alegam que a “nova” Lagoa é frequentada por moradores de todos os bairros da cidade e de cidades vizinhas, sendo percebido o uso tanto por moradores de bairros centrais como Roger, Varadouro e Tambiá, quanto de bairros ao leste e ao sul, como Bancários, Mangabeira, Manaíra, entre outros.

Em termos de segurança, 46% dos entrevistados avaliam a segurança como sendo boa, relatando a existência de policiamento frequente. Ainda, 34,8% responderam que visitaram a Lagoa pela tarde e à noite e a sensação de segurança continuava. Há uma base da Guarda Municipal da cidade instalada dentro do Parque, sendo possível verificar a presença de seguranças e funcionários municipais que auxiliam nas questões de ordenamento de condutas adequadas dos frequentadores. Para 42% dos informantes, os períodos da manhã e da tarde são os mais frequentados por trabalhadores e estudantes, fato que pode ser relacionado aos horários de funcionamento do comércio e escolas. À noite, o Parque recebe um maior número de frequentadores para a prática de esportes, além do fluxo constante de famílias.

No quesito mobilidade, em relação ao transporte público, mais de 60% dos participantes disseram que para chegar a Lagoa optaram por ônibus. Para 45,8% dos informantes, a revitalização do parque não trouxe nenhum prejuízo para mobilidade, que ainda é avaliada como boa e que facilita o acesso ao local. Tais dados são percebidos *in loco* pelo ordenamento de linhas de transporte público e vias de acessos. Terminais de ônibus que fazem ligação com diversos bairros de João Pessoa e outras cidades da região metropolitana estão presentes, reforçando o Parque Sólón de Lucena como um espaço de centralidade da cidade.

Já a outra parte dos informantes, cerca de 39%, que escolheram o transporte particular para se dirigir até lá, argumentaram que faltam vagas de estacionamento próximas

ao Parque. As poucas que existem são estacionamentos privados e distantes. Apesar de satisfatória, os participantes apontam que a mobilidade precisa melhorar no entorno da Lagoa, para que as pessoas possam ter mais acesso. Nota-se que tal reclamação advém da existência anterior de um estacionamento dentro do parque, o qual foi retirado na revitalização. E a retirada do mesmo é parte de uma mudança de compreensão do planejamento da mobilidade urbana não centrada no transporte individual motorizado. A criação de vias exclusivas e de acesso, em conjunto com o aumento de terminais, busca estimular o uso do transporte público e de bicicletas no entorno do parque em detrimento ao uso de transportes particulares.

Ainda no quesito acessibilidade, no que tange à infraestrutura para pessoas com deficiência (PCD), há a percepção pelos informantes da existência de sinalizações adequadas, banheiros exclusivos e rampas de acesso aos principais atrativos do parque. Contudo, as análises *in loco*, de acordo com as informações levantadas, mostram que há a necessidade de uma melhor iluminação e sinalização para o público de PCD's de determinados espaços do Parque e seu entorno, o que pode contribuir para melhorar a percepção de segurança. Além de melhorar a acessibilidade dos frequentadores, uma vez que é de extrema importância que a revitalização de espaços públicos seja feita considerando o acesso de diferentes públicos.

Cerca de 90% dos informantes alegam que este espaço reinaugurado facilita a interação entre as pessoas e grupos sociais. Argumentam que esta interação favorece a mudança de pensamento e a compreensão sobre o que se refere ao outro, a entender e a sentir empatia pelo outro, o que é reforçado pelos estudos de Fernandes (2018), Pereira (2017) e Spinelli *et al.* (2015). Contudo, Paulino (2010) e Silva (2015) alertam que nos espaços comuns a todos, nem sempre existirá a união perfeita entre seus usos e usuários e que a harmonia desejada é um caminho lento e árduo. Dessa forma, são necessárias ações e políticas públicas como parte do planejamento urbano que estimulem tais relações entre as pessoas e o meio ambiente, possibilitando um sentimento de pertença e valorização do espaço comum existente na “Lagoa”.

A partir da revitalização da Lagoa, o Centro Histórico da cidade, caracterizado por adjetivos depreciativos e fruto do esquecimento do poder público e de políticas ao longo de décadas, vem ganhando novos olhares e interesses. Pode-se considerar que a revitalização da Lagoa é um marco no processo de urbanização da cidade. Com a revitalização desse espaço e de outros espaços próximos, o centro da cidade reafirma seu status de atrativo turístico, mas ainda necessita da continuidade dos investimentos para a sua consolidação.



Dos participantes 100% informaram que a Lagoa não favorecia o turismo antes da sua revitalização, porém, nenhum dos informantes se autodenominou turista. Após a revitalização, 70,8% dos respondentes afirmam que Lagoa passou a ser uma boa opção de atrativo aos turistas, onde prevalece o argumento de que os turistas vão se encantar pelo lugar. O uso turístico e suas repercussões no desenvolvimento do turismo na cidade é uma questão importante e que deve ser tratada e analisada com mais profundidade, porém em outro momento.

Quando perguntados sobre qual atrativo da capital deveria ser conhecido primeiro, a Lagoa e o Centro Histórico ficaram atrás apenas da orla da cidade (65,2%). Esta é um atrativo consolidado da imagem turística de João Pessoa, que durante anos vem sendo trabalhado pelo marketing e com a implementação de infraestrutura, ambos inseridos em políticas públicas municipais, estaduais e federais.

Apesar de não ser o principal atrativo de João Pessoa, a Lagoa tem um valor afetivo para a cidade, comprovado mesmo antes da revitalização, por meio de um concurso sobre “O local mais amado da cidade”, promovido por uma emissora de televisão local, a TV Cabo Branco. Mesmo passados alguns anos, 32,6% dos entrevistados consideram a Lagoa o verdadeiro cartão postal da cidade, a imagem que deveria estampar as capas dos encartes publicitários, turísticos ou não.

A imagem da Lagoa foi difundida em reportagens e propagandas nacionais e internacionais, na qual a Lagoa contribuía para a capital como um símbolo da “cidade verde”, da “tranquilidade e qualidade de vida”, da “cidade de se morar e viver” e da “capital natural” (LEANDRO, 2006). Quando perguntados sobre uma imagem da cidade que desejariam guardar para sempre, a Lagoa e a paisagem da orla são as principais respostas dos informantes. Isso reforça a imagem turística difundida e executada no planejamento urbano da capital, que vem buscando equalizar o espaço urbano e o natural e favorecer o alcance turístico de João Pessoa.

De forma geral, para 51,7% dos informantes a Lagoa merece notas entre 8 e 10 depois das intervenções feitas e cerca de 82% desejam voltar, além de indicarem para amigos e familiares que ainda não a visitaram. Para os informantes, melhorias pontuais devem ser realizadas na Lagoa, como mais cestos de lixo, bebedouros, áreas de estacionamento, placas informativas e históricas, e divulgação dos eventos planejados no local.

Estes dados mostram a importância do processo de revitalização daquele espaço para a população e para o turismo na capital, o que é reforçado por 94,4% dos entrevistados que veem na Lagoa um símbolo da cidade. Isto posto, a revitalização contribui para que esse símbolo seja vivenciado pelos turistas e pelos moradores, não apenas como um lugar de passagem, mas como um lugar de vivência, memória e aproximação com aquilo que João Pessoa pode oferecer de melhor, sua tranquilidade, seus espaços verdes, sua história e a sua população.

Desse modo, novos usos, novas práticas de lazer e a potencialização do pertencimento dos moradores são questões estimuladas através da revitalização urbana de espaços públicos. Em cidades turísticas, isso repercute para além da lógica do lazer e da sociabilidade entre os moradores, inserindo turistas como beneficiados nesse ambiente. Por isso, a revitalização de espaços públicos em cidades turísticas ajuda não só a oferecer um novo atrativo turístico à cidade, mas também potencializa a relação entre turistas e moradores e estimula a visita por parte de turistas que sejam ou não parentes e amigos de moradores.

## **5 Conclusão**

No passado, a ausência de ações estruturadas no Parque da Lagoa Sólon de Lucena, em João Pessoa (PB), propiciou o aumento do número descontrolado de ambulantes nas calçadas e de quiosques de alimentação; o trânsito passou a ser intenso, com uma quantidade maior de linhas e pontos de ônibus para atender às pessoas que frequentam o comércio do entorno. Com o passar do tempo, o uso da Lagoa pelo setor comercial se sobrepôs a outros usos socioculturais. Fora do horário comercial, a área tornou-se um lugar desprivilegiado e perigoso, com ruas onde imperava a escuridão e a falta de segurança (PEREIRA, 2017).

No entanto, após a revitalização, um passeio pela Lagoa é um convite para vivenciar o que a cidade tem de mais pitoresco e representativo da vida pessoense. É esse espaço público que proporciona um elo entre “duas cidades” – a histórica e o litoral – no planejamento urbano local, permitindo a sua resignificação. A revitalização contribuiu para que barreiras sociais e econômicas fossem minimizadas, incentivando relações e permitindo oportunidades das mais diversas de convívio social entre os moradores da cidade e seus visitantes.

O encontro dos moradores dos mais diversos bairros e de cidades próximas no Parque da Lagoa permite a troca de experiências e o (re)conhecer sobre a história da cidade. As intervenções permitiram além de melhorias estruturais na mobilidade, acessibilidade e segurança da região, melhorias econômicas e na qualidade de vida. A “nova Lagoa” – slogan publicitário usado na época de sua reinauguração – tem sido palco de ações que visam o estímulo ao bem-estar físico e mental, buscando uma desaceleração do tempo para os frequentadores daquele espaço cercado pelo trabalho e o comércio. Após a revitalização, houve, incontestavelmente, um aumento de fluxo de transeuntes.

Entre ciclistas, caminhantes, corredores, praticantes de *skate*, capoeiristas, ambulantes e observadores contemplativos, todos têm a percepção de que a Lagoa representa um novo espaço para a cidade. Esse cenário dota a Lagoa de uma beleza cênica e ambientes para atividades esportivas, sociais e culturais, criando um espaço propício ao turismo na cidade.

Por fim, o artigo contribui de forma teórica ao trazer a compreensão da sociabilidade e a percepção da mesma como mecanismo caro aos estudos sobre a revitalização de espaços públicos em cidades turísticas. Já na perspectiva prática, o artigo pôde desenvolver um panorama histórico e atual do papel central da Lagoa para o lazer de turistas e moradores que pode contribuir com políticas públicas para a gestão municipal.

Como limitação, essa pesquisa encontrou um perfil de respondentes enviesado, uma vez que o acesso à pesquisa ficou disponível em redes sociais dos pesquisadores e pessoas próximas. Assim, como indicação de pesquisas futuras, sugere-se: (a) aplicar o questionário *in loco*, para os mais diversos públicos; (b) investigar as visões dos setores privado e público sobre a efetividade do uso turístico da Lagoa; e (c) um estudo comparativo de dados antes e depois de 2016, para corroborar a percepção dos frequentadores sobre a revitalização da Lagoa a sua importância para o turismo de João Pessoa.

## **Referências**

ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. 8. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2013.

BRASIL. **Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000**. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com



mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/110098.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110098.htm). Acesso em: 8 jun. 2020.

BRASIL. **Lei nº 12.587, de 3 de janeiro de 2012.** Institui as diretrizes da Política Nacional de Mobilidade Urbana; e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112587.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112587.htm). Acesso em: 12 abr. 2020.

BRASIL. **Lei nº 13.675, de 11 de junho de 2018.** Disciplina a organização e o funcionamento dos órgãos responsáveis pela segurança pública, nos termos do § 7º do art. 144 da Constituição Federal; cria a Política Nacional de Segurança Pública e Defesa Social (PNSPDS); institui o Sistema Único de Segurança Pública (Susp). Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2018/lei/L13675.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13675.htm). Acesso em: 14 maio 2020.

BOULLÓN, R. **Planejamento do espaço turístico.** Porto Alegre: EDUSC, 2002.

CARLOS, A. F. **A cidade.** São Paulo: Contexto, 2001.

CASTROGIOVANNI, A. C. **Turismo urbano.** São Paulo: Ed. Contexto, 2000.

COSTA, M. J. **Um olhar sobre a cidade de João Pessoa - PB (1987 – 2014):** uso, percepção e memória das praças do centro histórico da capital. 2015. 152p. (Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.

FERNANDES, N. G. R. **A revitalização do Parque Sólon de Lucena:** usos, formas e significados. 2018. 165 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, 2018.

GÂNDARA, J. M. G. A imagem dos destinos turísticos urbanos. **Revista Eletrônica de Turismo Cultural**, 2008. Número Especial.

GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Plageder, 2009.

GOODEY, B. Interpretação e Comunidade Local. *In:* MURTA, S. M.; ALBANO, C. (org.) **Interpretar o patrimônio:** um exercício do olhar.org. Belo Horizonte. Ed.: UFMG; Território Brasilis, 2002.

GRINOVER, L. **A Hospitalidade, a cidade e o turismo.** São Paulo: ALEPH, 2007.

KANASHIRO, M. Da antiga à nova Carta de Atenas, em busca de um paradigma espacial de sustentabilidade. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n. 9, p. 33-37, 2004.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo:** para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Tradução: Contexto Traduções. São Paulo: Aleph – Turismo, 2001.

KOURY, M. G. P. Pertença e uso do espaço público: um passeio através do Parque Sólon de Lucena. **Studium** (Instituto Salesiano de Filosofia), Campinas, SP, v. 19, p. 1-5. 2005.

LEANDRO, A. G. **O turismo em João Pessoa e a construção da imagem da cidade de João Pessoa**, 2006. 198f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

LEMOS, A. (org.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

LEMOS, A. (org.) **Turismo e impactos socioambientais**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

LEMOS, M. R. **Sociabilidade em destaque: um ensaio teórico a partir do intercâmbio analítico entre Ferdinand Tönnies e Émile Durkheim**. Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais, 2011. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/5166/4231> Acesso em: 22 ago. 2020.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262. 1993.

PEREIRA, A. M. K. **A produção do espaço público contemporâneo e as formas de apropriação: o parque Sólon de Lucena**. 2017. 134f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba – PEAU/UFPB João Pessoa-PB. 2017.

PAULINO, M. C. P. História e urbanização: liminaridades no Parque Sólon de Lucena, João Pessoa/PB. *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO*, 1., 2010, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: ANPPGAU, 2010.

PIPPI, L. G. A. *et al.* A Aplicação da sustentabilidade no ambiente urbano. *In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE CIÊNCIAS SOCIAIS*, 2003, Brasília, DF. **Anais [...]** Brasília, DF, 2003. Disponível em: [http://www.avaad.ufsc.br/moodle/file.php/32/hiperlivro\\_caminhos/Eco\\_e\\_Novo\\_Urbanismo/e\\_co\\_urbanismo/GuilhermeENECS2003\\_-\\_sonia.pdf](http://www.avaad.ufsc.br/moodle/file.php/32/hiperlivro_caminhos/Eco_e_Novo_Urbanismo/e_co_urbanismo/GuilhermeENECS2003_-_sonia.pdf). Acesso em: 20 de maio de 2020.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. **Manual de investigação em ciências sociais**. 5.ed. Lisboa: Gradiva, 2008.

RAMLEE, M. *et al.* Revitalization of urban public spaces: An overview. **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, n. 201, p. 360-367, 2015.

RODRIGUES, A. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

RODRIGUES, A (org.). **Turismo, modernidade e globalização**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

RODRIGUES, A.(org.). **Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais.** São Paulo HUCITEC, 1996.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: espaço e tempo, razão e emoção.** São Paulo: HUCITEC, 1999.

SCOCUGLIA, J. B. C. **Revitalização urbana e (re) invenção do centro histórico na cidade de João Pessoa (1987 - 2002).** João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2004.

SILVA, M. Turismo e urbanização. *In:* RODRIGUES, A. B. (org.). **Turismo, modernidade e globalização.** São Paulo: HUCITEC. 1997.

SILVA, D. G.. **Parque Sólon de Lucena: intervenção urbana e vendedores ambulantes no centro de João Pessoa – PB.** 2015. 67f. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

SPINELLI, A. M. *et al.* A revitalização do Parque Sólon de Lucena: uma visão do morador. *In:* FÓRUM INTERNACIONAL DE TURISMO DO IGUAÇU, 9., 2015, Foz do Iguaçu, PR. **Anais [...].** Foz do Iguaçu, PR2015.

TAYLER, D. *et al.* (org.). **Gestão de turismo municipal: teoria e prática de planejamento turístico nos centros urbanos.** São Paulo: Futura, 2001.

YÁZIGI, E. (org.). **Turismo e paisagem.** São Paulo: Contexto, 2002.